



RELATORIA DO EVENTO

VIII Colóquio das Experiências Exitosas no enfrentamento das IST, HIV/aids, Tuberculose e Hepatites Virais

Data: 11 de março de 2026

Local: Sede do Grupo de Incentivo à Vida (GIV), São Paulo

Organização: Mop aids – (Movimento Paulistano de Luta Contra a Aids)

Movimentos, organizações e coletivos presentes:

- * Instituto Vida Nova
- * Instituto Cultural Barong
- * Movimento Nacional das Cidadãs Positivas (MNCP)
- * Grupo Pela Vidada São Paulo
- * Casa Filadélfia
- * Associação de Auxílio à Criança e Adolescente Portadora de HIV (AACPHIV)



1. Contexto e Objetivos do Encontro

O Colóquio das Experiências Exitosas reuniu ativistas históricos, profissionais de saúde, representantes de organizações da sociedade civil e integrantes de movimentos sociais envolvidos na resposta ao HIV/aids na cidade de São Paulo.

O encontro teve como objetivo compartilhar experiências, discutir desafios atuais da resposta comunitária ao HIV e fortalecer a articulação entre organizações que atuam no território, especialmente diante de um cenário marcado por transformações nas políticas públicas, redução de financiamentos e novos desafios epidemiológicos e sociais.

Mais do que um espaço de apresentações institucionais, o colóquio se consolidou como um momento de troca política entre diferentes gerações do movimento, reunindo organizações que atuam desde os primeiros anos da epidemia até iniciativas mais recentes de prevenção, cuidado e articulação comunitária.

O evento também ocorreu em um contexto de reconfiguração das estratégias de prevenção e cuidado, com ampliação de tecnologias biomédicas como PrEP e PEP, mas também com persistência de desigualdades sociais, estigma e barreiras institucionais que dificultam o acesso de populações vulnerabilizadas aos serviços de saúde.

Nesse cenário, a sociedade civil organizada segue desempenhando papel fundamental ao:

- * ampliar o acesso à informação e à prevenção;
- * promover cuidado comunitário;
- * articular redes de proteção social;
- * pressionar o poder público por políticas mais efetivas.



2. Abertura do Evento

A abertura do colóquio foi marcada por uma acolhida das organizações anfitriãs e pelo reconhecimento da importância histórica do espaço de diálogo promovido pelo Mopaidis.

Durante a saudação inicial, os organizadores do evento, representantes do Mopaidis, agradeceram a presença das pessoas participantes, destacando as dificuldades logísticas enfrentadas no dia devido às fortes chuvas em São Paulo, que impactaram o transporte público e a mobilidade urbana.

Também foram registradas algumas ausências justificadas de participantes e representantes institucionais, entre elas integrantes da coordenação municipal de IST/Aids que, devido à sobrecarga de trabalho, não puderam comparecer, mas enviaram mensagens de boas-vindas ao encontro. O coordenador do Mopaidis, Eduardo Barbosa, também justificou a ausência por problemas de saúde.

Mesmo diante dessas dificuldades, o clima foi de valorização do espaço coletivo. A abertura destacou a importância de manter vivos os espaços de debate, troca e reflexão política entre organizações da sociedade civil.

O encontro também foi apresentado como continuidade de uma trajetória de encontros e diálogos promovidos pelo Mopaidis ao longo dos anos, reforçando o papel histórico do movimento na articulação da resposta comunitária ao HIV na cidade.



3. Síntese dos Debates

Mesa 1 – Estratégias de prevenção e testagem comunitária: a experiência do Instituto Cultural Barong

A primeira apresentação foi realizada pela ativista e assistente social Marta McBritton, coordenadora e uma das fundadoras do Instituto Cultural Barong.

A fala trouxe uma reflexão sobre a trajetória do Barong e o desenvolvimento de estratégias inovadoras de prevenção ao HIV baseadas na atuação extramuros.

Origem e trajetória do Barong

O Barong surgiu a partir da iniciativa de artistas e ativistas que acreditavam na necessidade de levar a discussão sobre HIV e sexualidade para além dos espaços institucionais.

Inicialmente, a proposta era experimental:

- * um trailer para distribuição de preservativos nas ruas
- * ações de prevenção com linguagem artística
- * abordagem direta com a população

O projeto, que inicialmente seria temporário, acabou se consolidando e hoje acumula décadas de atuação comunitária, inclusive com uma van-consultório que percorre todas as regiões de São Paulo

Segundo Marta, a permanência da iniciativa se deve principalmente a uma escolha metodológica clara: "A nossa abordagem sempre foi centrada no prazer."

Essa perspectiva rompe com abordagens moralizantes da prevenção e permite dialogar de forma mais aberta sobre sexualidade, desejo e práticas sexuais.



Testagem extramuros e anonimato

Um dos elementos centrais do trabalho do Barong é a realização de testagens em unidades móveis instaladas em espaços públicos e eventos. A atuação nas ruas permite algo que muitas vezes não acontece nos serviços tradicionais:

- * anonimato
- * liberdade para falar sobre sexualidade
- * vínculo imediato com a equipe

Segundo a coordenadora, muitas pessoas se sentem mais confortáveis para relatar suas histórias e práticas sexuais nesse contexto informal. “As pessoas chegam e contam tudo. Elas falam da vida sexual mesmo.”

Esse ambiente de confiança possibilita um diálogo mais profundo sobre prevenção, risco e cuidado.

Novos territórios da prevenção

Nos últimos anos, o Barong ampliou sua atuação para novos contextos, incluindo:

- * festas noturnas
- * eventos privados
- * ambientes associados ao sexo químico
- * festas de sexo entre homens

As ações frequentemente acontecem durante a madrugada, com equipes atuando entre meia-noite e cinco da manhã.

Esse tipo de abordagem permite alcançar populações que raramente acessam serviços tradicionais de saúde.

Resultados das ações

Com a implementação da unidade móvel, o Barong realizou:

- * mais de 600 ações extramuros
- * média de 66 ações por ano
- * milhares de testes realizados

Apesar de a média de diagnósticos de HIV ser relativamente pequena, Marta destacou que o trabalho precisa ser pensado em lógica de



prevenção focalizada. Em algumas festas, por exemplo, são realizados poucos testes, mas com maior chance de identificar casos positivos.

Desafios estruturais

A apresentação também trouxe uma reflexão crítica sobre as dificuldades enfrentadas pelas organizações da sociedade civil.

Entre os principais desafios apontados estão:

- * burocracia para autorização de ações nas ruas
- * custos operacionais elevados
- * dificuldade de financiamento
- * ausência de editais públicos que financiem testagem comunitária
- * impossibilidade de contratar profissionais de saúde em muitos editais

Outro problema destacado foi a crescente presença de normas e contratos que dificultam a atuação das ONGs em espaços públicos.

Um exemplo citado foi a impossibilidade de realizar ações no Vale do Anhangabaú devido a exigências contratuais consideradas incompatíveis com a dinâmica do trabalho comunitário.



Mesa 2 – Educação e autonomia para jovens vivendo com HIV

A segunda apresentação foi realizada pela infectologista Marinella Della Negra, que compartilhou a trajetória da Associação de Auxílio à Criança e Adolescente Portadora de HIV.

A organização surgiu no final dos anos 1980, quando o HIV começou a atingir crianças, muitas delas por transmissão vertical.

Origem da associação

A associação nasceu de forma quase improvisada, a partir de uma doação recebida por profissionais que atuavam no cuidado de crianças vivendo com HIV.

Naquele período, o cenário era extremamente adverso:

- * ausência de tratamentos eficazes
- * famílias em situação de pobreza
- * alta mortalidade infantil

Os recursos inicialmente foram utilizados para apoiar famílias com necessidades básicas, como transporte e alimentação.

Mudança de perfil da epidemia

Com o avanço do tratamento antirretroviral e a redução da transmissão vertical, a realidade mudou. As crianças passaram a sobreviver e alcançar a adolescência. Isso trouxe um novo desafio: a adesão ao tratamento entre adolescentes.

Segundo a médica, muitos jovens deixam de tomar a medicação ao atingirem maior autonomia. A solução encontrada pela organização foi apostar na construção de projetos de vida.

Educação como estratégia de cuidado

A associação passou então a investir no financiamento de educação para jovens vivendo com HIV.

A lógica é simples: “O que faz o adolescente continuar vivendo é o sonho.”



A organização ajuda jovens que conseguem ingressar em universidades ou cursos profissionalizantes, financiando mensalidades ou custos relacionados à permanência nos estudos.

Até o momento: cerca de 30 jovens já foram formados e outros seguem em processo de formação.

Segundo Marinella, o impacto vai além da vida individual. Quando um jovem se forma, toda a família e o entorno social são transformados.



Mesa 3 – Articulação territorial e redes de proteção

A terceira apresentação foi realizada por Washington, psicólogo da Casa de Assistência Filadélfia.

A fala abordou o projeto “Meu Corpo, Meu Bem”, voltado à prevenção combinada entre jovens negros e populações em situação de pobreza na região de Ermelino Matarazzo.

Trabalho em rede

Um dos pilares da atuação da organização é a construção de redes intersetoriais envolvendo:

- * serviços de saúde
- * assistência social
- * educação
- * sistema de justiça
- * organizações comunitárias

A rede foi fortalecida durante a pandemia de Covid-19, quando a necessidade de articulação entre instituições se tornou mais evidente. Atualmente, a rede reúne dezenas de profissionais e se reúne regularmente para discutir casos e estratégias de intervenção.

Metodologia

Um dos princípios fundamentais do trabalho é a horizontalidade nas relações entre os participantes da rede. A proposta é evitar disputas institucionais e construir um espaço de cooperação.

Para isso, são utilizadas metodologias como:

- * comunicação não violenta
- * grupos operativos
- * atividades de arte-educação nas reuniões

Impactos

Entre os resultados apresentados estão:

- * retomada de tratamentos por pessoas que haviam abandonado o cuidado
- * ampliação do acesso a serviços públicos
- * fortalecimento da rede de proteção social no território



4. Principais Temas e Questões Políticas Emergentes

Ao longo das apresentações e debates, alguns temas se destacaram como centrais para a agenda do movimento.

1. Sustentabilidade financeira das organizações

A dificuldade de financiamento foi mencionada por diversas organizações.

Muitos editais públicos:

- * não financiam testagem comunitária
- * não permitem contratação de profissionais de saúde
- * não cobrem custos operacionais básicos.

2. Burocracia e barreiras institucionais

As organizações enfrentam obstáculos para realizar ações em espaços públicos, incluindo autorizações complexas e contratos restritivos.

3. Estigma e discriminação

Apesar dos avanços biomédicos, o estigma relacionado ao HIV continua sendo uma barreira importante.

Isso se manifesta:

- * em escolas
- * em serviços de saúde
- * no ambiente de trabalho.

4. Vulnerabilidade social

A epidemia continua fortemente associada a desigualdades sociais.

Populações mais afetadas incluem:

- * jovens periféricos
- * pessoas negras
- * população LGBTQIA+
- * pessoas em situação de pobreza.



5. Propostas e Encaminhamentos

Entre os encaminhamentos discutidos durante o encontro destacam-se:

- * fortalecer a articulação entre organizações da sociedade civil;
- * ampliar parcerias entre ONGs para ações conjuntas de prevenção;
- * pressionar o poder público por políticas de financiamento mais adequadas;
- * discutir estratégias para expansão da PrEP extramuros;
- * ampliar iniciativas de formação educacional para jovens vivendo com HIV.

6. Avaliação do Encontro

Os participantes avaliaram o colóquio como um espaço importante de troca de experiências; fortalecimento político do movimento; construção de redes de colaboração.

Também foi destacada a importância de manter encontros periódicos que permitam compartilhar práticas e refletir coletivamente sobre os desafios atuais da resposta ao HIV.

7. Considerações Finais – Memória, resistência e futuro da luta contra a aids

O Colóquio MopaidS reafirmou algo que a história da epidemia no Brasil já demonstrou inúmeras vezes: a resposta ao HIV não se constrói apenas nos consultórios, laboratórios ou gabinetes institucionais — ela nasce e se fortalece nos territórios, nas redes de solidariedade e na mobilização da sociedade civil.

Desde os primeiros anos da epidemia, quando o medo, o estigma e a falta de informação marcaram profundamente a vida de milhares de pessoas, foram os movimentos sociais, coletivos comunitários e organizações da sociedade civil que se colocaram na linha de frente da luta. Foram esses grupos que transformaram dor em mobilização, silêncio em denúncia e exclusão em reivindicação por direitos.

Ao longo das décadas, essa mobilização foi fundamental para conquistas históricas no país, como a consolidação do Sistema Único de Saúde, a garantia do acesso universal ao tratamento antirretroviral e a construção de políticas públicas de prevenção e cuidado reconhecidas internacionalmente.



Mais de quarenta anos após o início da epidemia, o cenário é diferente em muitos aspectos. Avanços científicos transformaram o HIV em uma condição tratável, novas tecnologias ampliaram as possibilidades de prevenção e a expectativa de vida das pessoas vivendo com HIV aumentou significativamente.

No entanto, os debates realizados durante o colóquio deixam claro que os desafios persistem. O estigma continua presente, as desigualdades sociais seguem determinando quem adoece e quem acessa cuidado, e muitas organizações da sociedade civil enfrentam dificuldades crescentes para manter suas atividades diante da escassez de financiamento e da ampliação de barreiras burocráticas.

Ao mesmo tempo, as experiências compartilhadas durante o encontro demonstram que a resposta comunitária segue viva e inovadora. A testagem extramuros realizada em festas e espaços públicos, os projetos que apostam na educação e nos sonhos de jovens vivendo com HIV, e as redes territoriais de cuidado que articulam diferentes políticas públicas são exemplos concretos de como a sociedade civil continua produzindo soluções criativas e eficazes para enfrentar a epidemia.

Nesse sentido, o Colóquio Mopaid se consolidou como um espaço fundamental de encontro entre diferentes trajetórias do movimento de luta contra a aids. Ao reunir ativistas históricos, profissionais de saúde, organizações comunitárias e novas lideranças, o evento reafirmou a importância da troca de experiências, da construção coletiva de estratégias e do fortalecimento das redes de solidariedade que sustentam essa luta há décadas.

Mais do que um espaço de debate, o colóquio representou também um exercício de memória e de reafirmação política. Em tempos de transformações nas políticas públicas e nas estratégias de prevenção, lembrar a história da resposta social à epidemia é também reconhecer que muitos dos avanços conquistados foram resultado direto da mobilização e da pressão organizada da sociedade civil.

Ao final do encontro, permanece a compreensão de que enfrentar o HIV exige muito mais do que respostas biomédicas. Exige enfrentar desigualdades, combater o estigma, garantir direitos e fortalecer as comunidades diretamente afetadas pela epidemia.

Assim, o Colóquio Mopaid encerra-se deixando uma mensagem clara: a luta contra a aids continua sendo, antes de tudo, uma luta por dignidade, justiça social e direito à vida.



E enquanto houver pessoas afetadas pelo HIV enfrentando barreiras ao cuidado, ao respeito e à cidadania, o movimento seguirá mobilizado — nas ruas, nos territórios, nas redes comunitárias e nos espaços de incidência política — construindo, coletivamente, caminhos para um futuro sem aids e sem discriminação.







Relação de Inscritos

Nome	Instituição, Coletivo ou Movimento
Adriana Cristina Pereira De Souza	Casa de Assistência Filadélfia
Alisson Barreto	GIV
Americo Nunes Neto	Instituto Vida Nova
Ariana Luiza Rosa Wruck	Instituto Vida Nova
Cleusa Helena Dos Santos Andre	MNCP
Dayana Dias Carneiro	Projeto Bem-Me-Quer
Débora Severino	Casa de Assistência Filadélfia
Douglas M Lifoncio	Associação Resplendor
Elisangela Aparecida Souza	Associação Resplendor
Ellen De Paula	Agência Pra Brilhar
Evandro Adail Siebra	Casa de Assistência Filadélfia
Gabriel Monteiro Santos	Associação Resplendor
Kairo Gabriel Rudah	LACRE - Laboratório CriatHIVo
Luciana Gonçalves Mautari	Instituto Vida Nova
Lucrécia Lopès	MOPAIDS
Marcel Reis	Grupo Pela Vidda/SP CRLGBTI+ Brunna Valin
Marcia Giorgi	AACPHIV
Marcos Pires Trecha	RNP Curitiba
Maria Marly Matos Lifoncio	Associação Resplendor
Marinella Della Negra	AACPHIV
Marta Mc Britton	Instituto Cultural Barong
Nathielly Janutte	Centro de Convivência É de Lei
Neuza Jaloretto	Rede Paulista de Controle Social da Tuberculose
Rodrigo Pereira Fernandes	Museu da Cidade de São Paulo
Silvia Maria De Lima De Souza	Projeto Criança AMAR
Washington Oliveira Irmão	Casa de Assistência Filadélfia